

A sorte está lançada

Há 30 anos, Alexandre Ignácio Alves experimenta várias possibilidades técnicas, temáticas e formais da pintura. É um estudioso dessa linguagem. No entanto, seu principal interesse mantinha-se nas diversas maneiras de se abordar o mundo por meio da descrição de seus objetos, espaços, indivíduos.

Esta é a primeira mostra de sua produção abstrata. Nela, percebemos o imprevisto que caracterizou a abstração, entre o início e meados do século XX, evidenciando uma aproximação entre o movimento ritmado da música, como o jazz, e a pintura, de linhas e manchas. Tratava-se de uma crença em formas inventadas e procedimentos inovadores como algo universal, invocando a sensibilidade de públicos mais amplos e rompendo com o domínio da representação figurativa monopolizada por elites culturais e econômicas.

O maior exemplo dessa pintura que envolvia movimento, ritmo e vibração com improvisações foi Norman Lewis, cuja pintura social-realista deu lugar à abstração nos anos 1950. Nos anos 1930, parte de um poderoso movimento cultural no Harlem nova-iorquino em prol de artistas afro-estadunidenses, voltou-se à arte abstrata vocalizando sua luta. Para Lewis, não havia separação entre arte e perspectiva política, mesmo que dentro das visualidades abstratas.

Algo semelhante acontece no caso de Alves, naturalmente, em outro tempo. “Toda pintura tem um caráter abstrato, toda pintura tem um caráter alegórico”, diz. A pintura responde ao tempo no qual existe e é interpretada. Se olhadas de perto, as pinturas desta mostra trazem recortes e fragmentos de nossa percepção contemporânea a partir da velocidade das visões e sensações que hoje experimentamos. Evocam cenas da vida diária entre o transporte e o trabalho, a casa e o lazer, embora nada se complete.

Segundo o artista, comentam o equilíbrio entre vicissitudes e acasos, acontecimentos que não são passíveis de nosso controle. Nesse sentido, trata-se de uma pintura que reflete sobre os malabarismos da vida diária, nosso corpo dançando diante dos altos e baixos. Decorrem da aplicação de camadas, aproveitando os acidentes. Nelas, há um privilégio das cores vibrantes e saturadas, antítese das grisalhas – técnica monocromática, geralmente em tons de cinza, por isso o nome – que dominam os retratos ou os azuis e lilases das paisagens do Pico do Jaraguá. Encontramos estampas feitas de figuras geométricas repetidas, produzidas por máscaras – evocativas da técnica do batik –, sobrepostas a manchas e grades; pinceladas deixam-se ver, bem como camadas cromáticas.

Esta não é uma pintura narrativa, mas possui conteúdo e sentidos – vemos “coisas”, somos levadas a evocações. Assim, é evidente que a abstração de Alexandre Ignácio Alves não é apenas um exercício estético. Há uma complexa operação de apontar outras maneiras de o corpo compreender seu entorno, de se relacionar com esta movimentada e vibrante existência diante dos acasos que se anunciam.

Ana Avelar

Setembro, 2023